

É preciso transmitir aos mais jovens a história de luta por direitos humanos, diz investigadora

pontofinal-macau.com/2024/08/29/e-preciso-transmitir-aos-mais-jovens-a-historia-de-luta-por-direitos-humanos-diz-investigadora

28 de agosto de 2024

29 Agosto, 2024



Por Ponto Final



A investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Marisa Gonçalves defendeu ontem a necessidade de se transmitir às gerações mais jovens timorenses a “conquista muito importante”, que foi a luta por direitos humanos em Timor-Leste.

“As pessoas atualmente sentem falta de vários direitos. Direitos de acesso à educação, à saúde e muito há por fazer em várias áreas, nomeadamente acesso de jovens ao emprego, desenvolvimento da indústria, do comércio, de oportunidades de trabalho”, disse à Lusa investigadora de história e direitos humanos por ocasião da celebração dos 25 anos da realização do referendo em Timor-Leste.

Mas, para Marisa Gonçalves, uma “conquista muito importante”, nos últimos 25 anos, foi a das liberdades fundamentais, nomeadamente políticas, liberdade de expressão, de movimento, de ausência de perseguição, de “serem livres”. “Acho que se começa a diluir

essa memória nas gerações mais jovens”, disse, salientando que a juventude precisa perceber que são “conquistas muito importantes num país”. “Se não se mantiver a transmissão da memória, dessas conquistas e dessas lutas por direitos humanos, que muita gente fez em Timor-Leste, acaba por não se compreender essas grandes mudanças que ocorreram aqui”, salientou.

A investigadora de história e de direitos humanos tem colaborado com o Centro Nacional Chega, que desde 2016 dá continuidade ao trabalho da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação e à Comissão da Verdade e Amizade entre a Indonésia e Timor-Leste.

Por outro lado, Marisa Gonçalves salientou que “quem defende os direitos humanos está sempre muito atento para ver se essas conquistas não têm retrocessos”. “Isso acontece em outras partes do mundo e em Timor pode acontecer, ou seja, por exemplo, no jornalismo que continue a haver liberdade de imprensa, que não haja pressões por parte do Governo na liberdade dos jornalistas, que os jovens continuem a ter liberdade de manifestação e de opinião”, disse.

“Isso está sempre em análise. Pode sempre sofrer um retrocesso. E penso que a história da luta pela por vários direitos humanos que ocorreu em Timor foi um exemplo para muitos países do mundo e é importante que os jovens hoje saibam que isso aconteceu em Timor-Leste”, afirmou.

Para a investigadora portuguesa, “há tantas prioridades” que “se esquecem dessa necessidade”, defendendo a importância de criar um departamento de história na Universidade Nacional de Timor-Leste, para que se possa escrever e dar a conhecer a história do país.

Grande conquista foi saída da Indonésia quando ninguém acreditava

O norte-americano Arnold Kohen, antigo activista da causa timorense, escritor e investigador, defendeu ontem que a maior conquista de Timor-Leste nos últimos 25 anos foi a saída da Indonésia do território, porque ninguém acreditava ser possível. “A grande conquista, em primeiro lugar, é que os indonésios deixaram Timor-Leste. Muito poucas pessoas acreditavam que seria possível”, afirmou Arnold Kohen, em declarações à Lusa por ocasião da celebração dos 25 anos do referendo que levou à restauração da independência de Timor-Leste.

A realização do referendo foi estabelecida entre Portugal e a Indonésia em 05 de maio de 1999, sob os auspícios da ONU, com a assinatura de três acordos, nomeadamente um sobre a questão de Timor-Leste, outro sobre a modalidade da consulta popular e um terceiro sobre segurança.

Em 30 de Agosto de 1999, 344.580 das 446.666 pessoas registadas (433.576 em Timor-Leste e 13.090 nos centros no estrangeiro) escolheram a independência do país e conseqüentemente o fim da ocupação da Indonésia (a Indonésia invadiu Timor-Leste em

07 de dezembro de 1975), apesar da violência perpetrada pelas milícias que apoiavam a integração.

O investigador referiu que durante muitos anos ninguém acreditava que “qualquer coisa de fundamental mudaria em Timor-Leste”, recordando afirmações de um antigo embaixador português em Washington de que as “pessoas deviam aprender a cooperar com a Indonésia”, porque esta não iria sair do território. “Não foi uma observação maliciosa em nenhum sentido. Foi o que chamaríamos de sabedoria convencional nos círculos do Estado português. Não havia crença de que a Indonésia alguma vez se retirasse. O facto de isso ter acontecido foi extraordinário”, salientou. “Ninguém acreditava, apenas algumas pessoas, de que a ocupação indonésia seria revertida e isso aconteceu e isso deve ser reconhecido como uma conquista crucial”, apesar dos problemas que persistem, afirmou Arnold Cohen.

Questionado sobre os desafios do país para os próximos anos, o antigo ativista disse ser a “transição geracional”. “É altura de fazer uma transição geracional porque há pessoas capazes, advogados, pessoas com formação técnica, pessoas com experiência internacional. Em 1975, não havia nada disso”, disse Arnold Kohen, defendendo igualmente a “criação de oportunidades”.

Para o investigador, a falta de oportunidades pode ser um “problema para a coesão nacional” e os recursos do país devem ser utilizados de forma a priorizar os mais jovens.

Lusa

